

O PORTUGUÊS RURAL DA REGIÃO SUL DO BRASIL – EMPRÉSTIMOS LEXICAIS CASTELHANOS¹

Patrícia Graciela da Rocha²

RESUMO: Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada com base em dados e mapas lingüísticos do ALERS, a qual analisa variantes lexicais do português falado no Sul do Brasil, consideradas como empréstimos do espanhol. O objetivo é identificar variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao português falado no Sul do Brasil e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três estados sulinos. O estudo segue os princípios da teoria dialetológica, que tem a tarefa identificar, escrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O método utilizado é o da Geolingüística Tradicional.

Palavras-chave: Variantes hispânicas; Região Sul; Empréstimos lexicais.

ABSTRACT: *This work is part of a research based on data and linguistic maps of ALERS, which analyzes lexical variants of the Portuguese spoken in southern Brazil, regarded as loans from Spanish. The goal of this paper is to identify lexical variants from Spanish incorporated into Portuguese spoken in southern Brazil and circumscribe the areas where these variants are used in the three southern states. This study uses the Dialectology Theory that attempts identifying, describing and locating different uses that a language can diversify by taking into account its spatial, sociocultural and chronological distributions. To do so, it is used the Traditional Geolinguistics.*

Key-words: *Hispanic Variants; Southern Region; Lexical Loans.*

1. Introdução

De acordo com Altenhofen (2002, p. 121), ao delimitarmos áreas lingüísticas, delimitamos, também, hipoteticamente, fatores extralingüísticos determinantes dessas áreas, em virtude da possibilidade de correlação existente entre a “variante do português em estudo” e “os traços extralingüísticos do meio geográfico”, tais como origem e etnia da população, atividades

¹ Este trabalho é baseado na minha dissertação de Mestrado (ROCHA, 2008).

² Doutoranda em Lingüística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e hidrografia, entre outros.

A Região Sul do Brasil tem uma pluralidade social, cultural e geofísica rara, que lhe confere um *status* particular no estudo do português brasileiro. Koch (2000, p. 59) destaca quatro fatores que seriam os principais determinantes externos das variantes do português falado na Região Sul: 1) a presença de açorianos no leste de Santa Catarina; 2) a existência de fronteiras políticas com países de fala hispânica no extremo sul e o contato português-espanhol derivado dessa situação; 3) o contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas no comércio do gado; e 4) a existência de áreas bilíngües expressivas, originadas da instalação, nas (antigas) zonas de floresta, de imigrantes europeus não lusos a partir do século XX.

Além disso, podemos acrescentar a ocupação da área norte do Paraná por paulistas e a relevância das migrações internas no processo recente de ocupação da região.

Altenhofen (2002, p. 133) levanta algumas hipóteses evidenciadas pelas fotografias geolingüísticas do ALERS³ e delimita oito áreas lingüísticas principais na configuração diatópica do português falado na Região Sul do Brasil. Nessa delimitação, o autor distingue, além de áreas bilíngües e de transição, três “corredores de projeção de traços” e três “zonas laterais”: 1) área de transição (*Leque Catarinense*, postulado por KOCH, 2000); 2) corredor central de projeção paranaense; 3) corredor oeste de projeção riograndense; 4) corredor leste de projeção riograndense (*feixe riograndense*, na interpretação de KOCH, 2000); 5) zona lateral açoriano-catarinense; 6) zona lateral do Paraná do norte (*feixe paranaense*, na interpretação de KOCH, 2000); 7) zona lateral da fronteira sul-rio-grandense; e 8) áreas bilíngües de português de contato.

Mais especificamente, a fronteira sul do Rio Grande do Sul com o Uruguai, de acordo com Altenhofen (2002, p. 128), guarda traços de momentos históricos diversos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com o espanhol. Isso se observa mais nitidamente no léxico, como atestam Koch (1995), Bunse & Klassmann (1969) e Rodriguez (1998), os quais registram uma série de hispanismos antigos que podem ser caracterizados como formas de

³ ALERS: Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.

preservação de marcas de substrato por terem sobrevivido à dominação posterior pelo português. De acordo com esses autores, são exemplos dessa preservação as palavras *jugo* = canga, *planchar* = passar a ferro, *piola* = barbante, *esquilar* = tosar, dentre outros. Além do nível léxico, os autores apontam preservação nos planos fonéticos e morfossintáticos, pois a maioria das isoglossas⁴ analisadas por eles estende-se até o centro-norte do Estado, não se limitando apenas à zona lateral fronteira, como acontece no caso de /e/ e /ɛ/ diante de /s/ em final de sílaba, como em *três* e *dez*, que nessa zona oferecem maior resistência à ditongação.

Nesse sentido, esse trabalho é parte de uma pesquisa vem dar seqüência a uma série de trabalhos geolingüísticos e sociolingüísticos que vem sendo desenvolvidos através do banco de dados do ALERS, do Varsul, do BDSPampa, entre outros, os quais têm explorado aspectos fonéticos e morfossintáticos, na sua maioria, no espaço geográfico da Região Sul do Brasil. Neste trabalho, pretendemos estudar variantes lexicais do português falado no Sul do Brasil que se concretizam como empréstimos do espanhol nessa região.

2. Metodologia de análise

O método utilizado para o levantamento e apresentação dos dados é o da geolingüística tradicional, utilizado pelo ALERS.

As variantes apresentadas a seguir percorreram a seguinte trajetória de análise: 1) Verificação visual dos mapas a fim de verificar se havia alguma arealização dos itens que se aproximasse das regiões de fronteira do Sul do Brasil com os países hispânicos vizinhos; 2) Verificação dos significados das variantes no Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE); 3) Verificação dos significados das variantes no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa; 4) Verificação dos significados encontrados em outros dicionários regionalistas brasileiros e/ou hispânicos com comentários relevantes para a descrição mais apurada de algumas variantes (*Dicionário Gaudério; Vocabulário Pampeano – pátrias– fogões – legendas; Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul; “Doctus” Nuevo Diccionario Castellano; El Habla del*

⁴ Entende-se por Isoglossa a linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas.

Pago; *Diccionario Lunfardo*⁵ entre outros) e, por fim, 5) Verificação dos fatores culturais, históricos, sociais, econômicos, étnicos que podem ter influenciado a arealização ou a existência dessas variantes hispânicas em determinados lugares, além de comentários de nativos hispanofalantes sobre os itens referidos⁶.

Para que pudéssemos sugerir que, neste trabalho, uma palavra usada na Região Sul do Brasil (falante de português brasileiro) é empréstimo ou não do espanhol, seja ele platino, americano ou europeu, elegemos alguns critérios, são eles: 1) Formar uma arealização geolingüística clara na Região Sul do Brasil em direção à fronteira com os países hispanofalantes vizinhos (Uruguai, Argentina e Paraguai); 2) Estar registrada nos dicionários espanhóis e 3) Constar na bibliografia consultada como empréstimos do espanhol.

3. Variantes hispânicas

Como mencionado anteriormente, são consideradas variantes hispânicas, neste trabalho, aquelas palavras que formam uma arealização diatopicamente clara e relevante na Região Sul do Brasil em direção à fronteira com os países hispanofalantes vizinhos (Uruguai, Argentina e Paraguai) e que são encontradas em dicionários espanhóis e/ou aparecem na bibliografia consultada como originárias do espanhol platino ou europeu, ou como empréstimos dessa língua.

A literatura consultada apontava, entre outros vocábulos, as palavras *coxilha*, *sanga*, *planchar*, *piola*, *esquilar*, *cerro*, *rastilho* e *jugo* como tomados do espanhol platino. De fato, podemos afirmar que encontramos, nos dados do ALERS, outras variantes hispânicas que são, além de *cerro*, *coxilha*, *sanga*, *rastilho* e *jugo* já descritas pela literatura, *galpão*, *bagual*, *coiúdo* (*colhudo*), *pastor*, *borrego*, *guampudo*, *aspa*, *guampa*, *cola*, *garrão*, *chicochoelo*, *rengo*, *lunanco*, *bolita*, *bodoque*, *pandorga* (*pandolga*, *bandorga*), *rinha de galo*, *carreira*, *jogo da/de tava*, *guisado*, *borracho* e *bolicho*, consideradas, nesse trabalho, como indícios claros de empréstimos

⁵ Por Lunfardo entende-se: “Ladrón 2. Jerga del ladrón porteño (‘En el *lunfardo* [palabra que designa al mismo tiempo a la jerga y los que se valen de ella] de los ladrones bonaerenses, se nota muchas locuciones cuyo empleo a todas luces revela la necesidad de recurrir en ciertos casos a una jeringoza especial...’, Drago, Los hombres..., 66). 3. Lenguaje que emplea en Buenos Aires la gente de mal vivir [...] 4. Lenguaje popular de Buenos Aires y sus alrededores.” (OLIVEIRA, 2005.p.1240125).

⁶ Esses comentários serão retirados dos questionários aplicados aos nativos, via e-mail.

do espanhol. Além dessas palavras acima mencionadas, encontramos outras variantes supostamente hispânicas e cognatas, ou seja, palavras que já estão largamente difundidas no português brasileiro, ou então, palavras que pertencem aos dois idiomas e que resistem (ou não foram substituídas por outras variantes lusas), nas regiões de fronteira, pela semelhança. São elas: *ladeira (ladeirão), taipa (de pedra), bergamota, lavrar, carreta (de duas rodas), apear (pear, apinhar), machorra, corvo, jugo, pêlo (cabelo duro), caloteiro, repouso (materno), raia, crioulo, corpinho (corpim), carpin, chibo (chibarro), astilhar, rengo, bidu e pucho.*

No entanto, devido ao pouco espaço destinado a artigo, analisamos mais detalhadamente apenas o item lexical *Jogo de/da tava*.

3.1 O caso do Jogo de /da tava

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *jogo do osso*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *O jogo em que se atira um osso para ver quem tem sorte?*

Como pode ser examinado na figura 1, a seguir, a palavra que se destaca na Região Sul é *jogo do osso*, que corresponde a mais de 50% das respostas na Região, distribuindo-se principalmente no Centro e Leste do Rio Grande do Sul (embora haja muitas respostas prejudicadas neste e nos outros estados). Já em Santa Catarina as variantes mencionadas foram *jogador, jogo da sorte e jogo de/ da galinha*, variante esta constatada também em alguns pontos do Paraná.

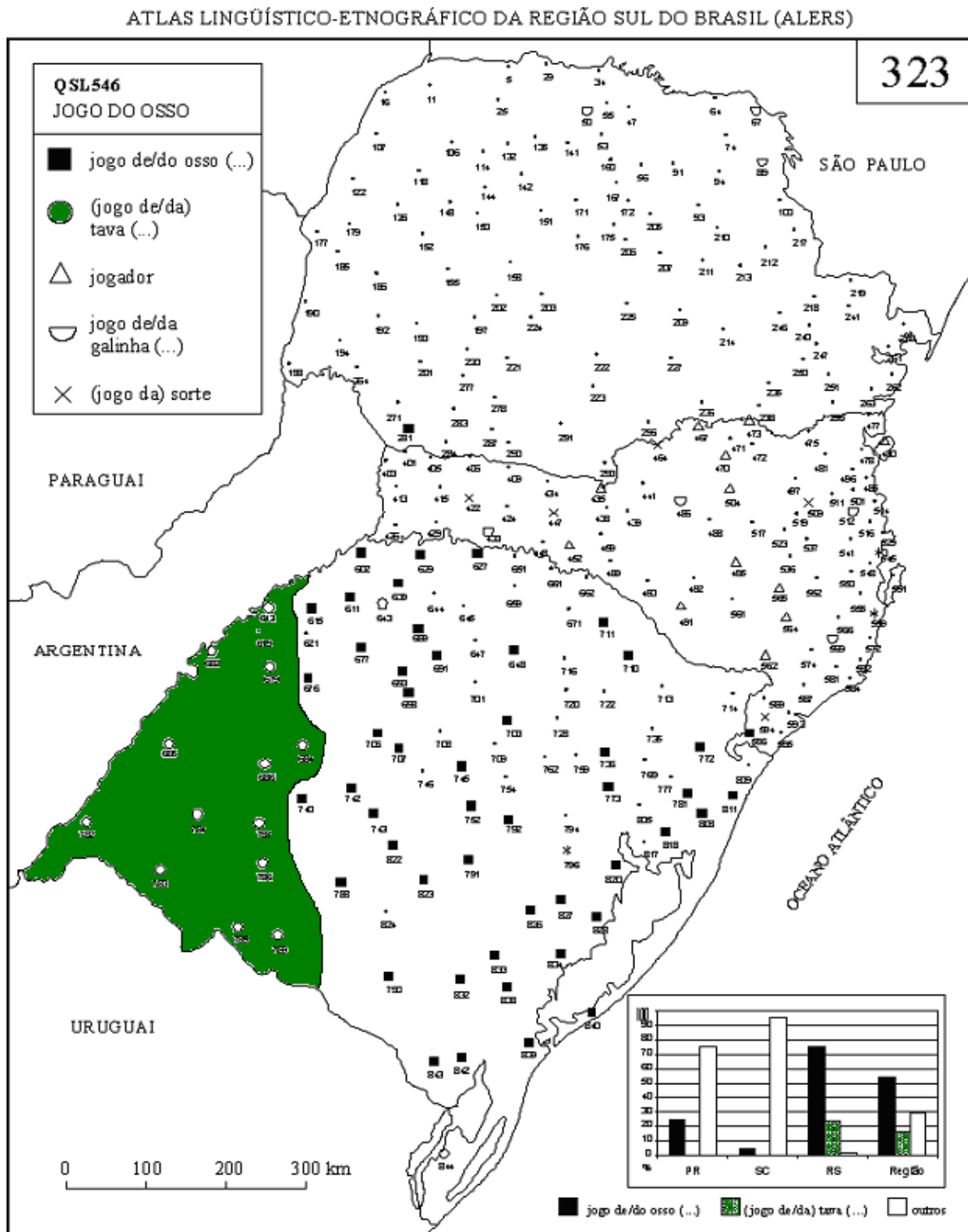


Figura 1 – Mapa correspondente ao item 546 do QSL – Jogo do osso.

Variante hispânica: Jogo de/ da tava.

No entanto, o que chama a atenção na configuração desse mapa é a distribuição das variantes *jogo de/ do osso* e *jogo de/ da tava* no espaço que delimita o Estado do RS, pois é possível traçar uma isoléxica clara que parte do extremo sul do Estado, em Santa Vitória do Palmar, e se desloca em direção ao Oeste do Estado, passando por Dom Pedrito, Santiago, São Luís Gonzaga até chegar ao Noroeste do Estado na cidade de Santo Augusto. Ou seja, a configuração do mapa da figura 1 é diatopicamente relevante para esta pesquisa, pois reforça a hipótese de que o contato com o espanhol intenso e efetivo nessa região do Estado do RS deixou marcas no português falado na zona rural nessa região.

Quanto à origem do termo, *jogo de/ da tava* (*taba*), o DRAE sugere que *taba* é do árabe hispânico *ká'ba* e este do árabe clássico *ka'bah* que significa jogo em que se atira ao ar uma *taba* de carneiro, ou outro objeto similar, e se ganha ou se perde segundo a posição em que caia aquela.

O Aurélio considera *tava*, variante de *taba*, vindo do espanhol platino *taba*. Brasileirismo do Rio Grande do Sul que constitui o osso do jarrete da rês vacum e é ao mesmo tempo um jogo gaúcho, que consiste em se atirar ao ar o *tava* com um lado chato e outro redondo, vencendo aquele que fizer tombar a parte chata (sorte) para baixo.

Garcia (1953) afirma que *taba*, em espanhol, é o mesmo que astrálogo e também, o jogo do osso. Além disso o autor traz expressões como *menear taba* (na América, Argentina, quer dizer charlar, dar à trela) e *menear (uno) las tabas* (no sentido figurado significa andar com muita pressa).

Braun (1998) acrescenta ainda que *Jogo da tava* é o mesmo *Jogo de osso*, conhecido, em toda a vasta campanha. É o mesmo *jogo de tava*, ou *carnicol* em castelhano. E o autor prossegue

[...] trazido ao solo pampeano pelos andejos da Espanha, que o guasca, cheio de manha, agauchou com perícia dando mais arte e malícia no chão de nossa campanha. E o guasca o levou consigo às rudes *tabas* selvagens, onde os índios, personagens barbarescas deste chão, o fizeram diversão nas suas disputas brabas, Talvez daí o nome *tabas* dado ao osso do garrão. E o astrálogo da rês foi sendo chamado *taba* que o selvagem falquejava desquinando cada lago, um deles bem achatado, outro com reintrância forte, é a *cara* chamada sorte e o *culo* é o lado aplainado (coroa). Consiste o jogo em lançar a *tava* no ar, girando, duas ou três voltas dando na direção da “raia” conforme o lado que caia o

jogador perde ou ganha. É o jogo que, na campanha dá peleia a la gandaia. Houve um tal de João das Pedras, no meu pago Missioneiro, indiosito carpeteiro, mais feio do que um macaco, mas que na *tava* era taco. Que eu vi, num dia de olada, botar quarenta “clavada” dentro do mesmo buraco. (BRAUN, 1998, p. 206-207).

Nunes & Nunes (2003) confirmam a versão de Braun (1998) e acrescenta que o *Jogo da tava* é um jogo muito usado na fronteira, principalmente pela baixa camada social. O autor descreve ainda mais detalhadamente as regras e o espaço destinado ao jogo

Vancê sabe como se joga o osso? / Ansim: / Escolhe-se um chão parelho, nem duro, que faz saltar, nem mole, que acama, nem areento, que enterra o osso. / É sobre o firme macio que convém. A cancha com uma braça de largura, chega, e três de comprimento; no meio bota-se uma raia de piola, amarrada em duas estaquinhos ou mesmo um risco no chão, serve, de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro: este atira daqui pra lá, o outro atira de lá pra cá. / O osso é a *taba*, que é o osso do garrão da rês vacum. O jogo é só de *culo* ou *suerte*. / *Culo* é quando a *taba* cai com o lado arredondado pra baixo: quem atira assim perde logo a parada. *Suerte* é quando o lado chato fica embaixo: ganha logo e sempre. / Quer dizer: quem atira *culo* perde, se é *suerte* ganha logo e arrasta a parada. / Ao lado da raia do meio fica o *coimeiro* que é o sujeito depositário da parada e que a entrega logo ao ganhador. O coimeiro também é que tira o barato – para o pulpeiro. Quase sempre é algum aldragante velho e sem-vergonha, dizedor de graças. / É um jogo brabo, pois não é? / pois há gente que se amarra o dia inteiro nessa cachaça e parada a parada envida tudo: os bolivianos, os arreios, o cavalo, o poncho, as esporas. O facão nem a pistola, isso, sim, nenhum aficionado joga; os fala-verdade é que têm de garantir a retirada do perdedor sem debocheira dos ganhadores ... e, cuidado ... muito cuidado com o gaúcho que saiu da cancha do osso de marca quente!...” (LOPES NETO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 253-254).

Vê-se nessas descrições que *jogo da tava/tabá* se refere a um jogo de gaúchos, os quais podem ser os homens do campo de qualquer país da América do Sul, pois vejamos o que dizem dois hispanofalantes sobre esse item: “a *taba* é um jogo de gaúchos, se usa um osso do joelho da vaca, se lança ao ar e deve cair em ‘cara ou coroa’” (Informante 1, argentino de Buenos Aires). Jogo da *tava* é o “jogo de gaúchos chilenos do sul, se joga com ossos de bois (Informante 2, chileno de Concepción).

Dessa forma, é perfeitamente compreensível que em quase toda a área do estado do Paraná e em algumas áreas de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul, esse item não tenha sido registrado, ou seja, as pessoas que responderam ao inquérito do ALERS não conhecem esse

jogo e por isso não o nomearam. Trata-se então de uma palavra que representa uma cultura de um povo, de uma determinada região, que não é constatada em outro.

4. Áreas lexicais de influência hispânica

A partir dessa pesquisa foi possível delimitar áreas lexicais e isoléxicas na Região Sul do Brasil que se distribuem em áreas junto às fronteiras com o Uruguai e Argentina e que, ora avançam do Sul do Rio Grande do Sul em direção ao Oeste de Santa Catarina e Paraná (acompanhando a rota de migração dos gaúchos rumo à exploração do Centro-Oeste do país) e ora avançam do sul em direção ao Centro de Santa Catarina e Paraná (acompanhando a rota estabelecida pelo caminho dos tropeiros).

Quanto ao grau de interferência do espanhol no português devemos concordar com Thun (2000), quando afirma que, no Uruguai, a influência do contato com o português é heterogênea, pois na faixa imediatamente limítrofe à fronteira o português segue se fortalecendo graças ao contato contínuo com o Brasil ao passo que, mais longe da fronteira, na zona distante, a vitalidade do português diminui. Sendo assim, podemos afirmar que o mesmo se aplica ao português de contato com o espanhol, nas áreas limítrofes aos países hispânicos, já que, quanto mais longe das fronteiras, menor é a interferência das variantes de origem hispânica.

No entanto, era esperado que, nos lugares de contato mais intenso, ocorresse maior influência da língua espanhola no léxico do português, formando áreas lexicais mais homogêneas. Nessa perspectiva, imaginava-se que na fronteira de Santa Catarina com a Argentina, houvesse pouca influência, assim como em algumas regiões do RS. Mais uma vez nossa hipótese se confirmou, porém, em parte, pois, embora a fronteira de Santa Catarina tenha pouco contato (geográfico, comercial, turístico etc.) ela sofre a influência dos migrantes gaúchos que se deslocam em direção ao Centro-Oeste do país.

5. Considerações finais

É possível concluir que a difusão de empréstimos do espanhol varia quanto ao modo e quanto à intensidade. Há casos cuja diatopia se restringe a áreas de fronteira, em particular às fronteiras meridionais com o Uruguai e Argentina: *rastilho*, *coiúdo* (*colhudo*), *chicochoelo*, *borracho*, *jogo da tava*. Outras variantes, além de serem largamente usadas nas regiões próximas às fronteiras, alcançaram grande difusão, ocorrendo, inclusive, em regiões de baixo ou nenhum contato com o espanhol, entre as quais estão: *galpão*, *bolita* e *bodoque*.

Há também casos de variantes registradas em alguns pontos de fronteira, mas não em outros, avançando, às vezes, pelo território, em áreas afastadas da fronteira, como é o caso de *sanga*, *coxilha*, *garrão*, *aspa*. As causas da maior ou menor difusão são diversas, mas o deslocamento de populações na Região Sul, seja em razão do comércio de gado, seja devido a migrações internas em busca de novas terras, tem alta relevância, pois com os falantes, também desloca-se a língua, ou deslocam-se as línguas.

No entanto, devemos admitir que podem ter escapado aos nossos olhos muitos vocábulos de influência espanhola, pois é comum ao pesquisador se acostumar aos dados e imaginar que eles não servem, ou então que eles são perfeitos. Sendo assim, acabamos sendo subjetivos embora tenhamos que ser objetivos. Porém, não temos a intenção de acabarmos aqui com todas as discussões acerca dos empréstimos lexicais do espanhol no português brasileiro, pelo contrário, nos sentimos quase pioneiros na área e acreditamos que discussões mais aprofundadas sobre o tema enriqueceriam muito a dialetologia brasileira.

Como se sabe, o português falado no Sul do Brasil e, mais especificamente nas regiões de fronteira, onde o contato com o espanhol é mais intenso, apresenta centenas de outras palavras atribuídas a esse contato. Isso é facilmente comprovado na interação lingüística com habitantes desses lugares e na literatura, tanto em textos em prosa (ver, por exemplo, *Rapa de tacho* v. I, II e III de Silva Rilho), quanto em poemas e letras de música gauchesca. Todavia, sem o método geolingüístico de investigação, pouco se pode dizer sobre a distribuição diatópica e sobre os grupos sociais responsáveis pela difusão.

Há ainda que ressaltar que, as conseqüências lingüísticas atribuídas ao contato português-espanhol no Sul do Brasil não se restringem aos empréstimos lexicais. Muitos outros aspectos, tanto gramaticais quanto pragmático-discursivos, caracterizam essa variedade de

português existente nessa região. Nesse sentido, nosso estudo é uma pequena e inicial contribuição na descrição desse português.

Devemos mencionar, também, que, devido às limitações do banco de dados do ALERS não podemos fazer afirmações categóricas acerca do assunto em questão, já que são entrevistados apenas um indivíduo por ponto de inquérito conforme o modelo da geolingüística tradicional. No entanto, isso não invalida a pesquisa já que a recorrência de um item em cidades próximas reafirma o uso do mesmo naquela região.

Por fim, esperamos despertar nos futuros leitores um interesse no assunto e desejamos ter contribuído, ao menos modestamente, com os estudos em dialetologia no Sul do Brasil, principalmente os sobre o contato do português com o espanhol, já que os estudos continuam sendo escassos nessa área.

6. Bibliografia

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*; Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do Alers. In: VANDRESEN, Paulino (org). *Varição e mudança no português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário Pampeano*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIGAL, 1998.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Dialetologia e ensino da língua materna. In: GÖRSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (org). *Sociolingüística e ensino: contribuições para formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes razão?(Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v.5, p.47-59, 1986.

_____. A geolingüística no Brasil. Quinto Império. *Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Salvador, n.7, p. 11-24, 1996.

_____. A Geolingüística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou Pluridimensional?. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v.4, n.1/2, p. 215-223, 2006.

GARCIA, Hamilcar de. *Dicionário Espanhol-Português*. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

GARMADI, Juliette. *Introdução à socio-lingüística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

GOBELLO, Jose. *Diccionario Lunfardo*. 4ª ed. Buenos Aires – Argentina: Pena Lillo Editor, 1982.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Inst. Goethe/ICBA, 1995. p.192-206.

_____. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol.18).

MARGOTTI, Felício. Ensino de Português e Variantes Morfossintáticas. In: *V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas - Universos da Língua Portuguesa*, 1998, Buenos Aires. Universos da Língua Portuguesa, 1998.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1986.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 10ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

OLBADÍA, José María. *El habla del pago*. Montevideo – Uruguay: Ediciones de la Banda Oriental S.R.L, 2006.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho*. 3ª ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. 2008. 144f. Dissertação (mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.